



**GUIA DE IMPLEMENTAÇÃO
CENTRO CRIANÇAS DO MUNDO**





Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais
Ministério da Criança

Igreja Adventista do Sétimo Dia
Divisão Sul-Americana

Setor de Grandes Áreas Sul, Quadra 611, Conjunto D
Parte C – Asa Sul
Brasília – DF
70200-710

Primeira Edição
2012

Tradução e revisão: Departamento de Tradução da Divisão Sul-Americana

Agradecimento: A ADRA e o Ministério da Criança da Divisão Sul-Americana agradecem à ADRA Internacional pelo preparo do conteúdo deste manual.







ÍNDICE

Introdução	7
Dia Um.....	9
Dia Dois.....	13
Dia Três	17
Dia Quatro.....	21
Dia Cinco	25
Dia Seis.....	29
Dia Sete	33
Dia Oito	37
Dia Nove	41
Dia Dez	45







INTRODUÇÃO



Bem-vindo às Aventuras da ADRA para Crianças, uma experiência instrutiva, dinâmica e interativa. Através das histórias da ADRA e dos ricos valores bíblicos, tais como a compaixão e a responsabilidade por nossos vizinhos, as crianças reconhecerão não somente sua própria singularidade e o que cada um pode oferecer ao mundo, mas também aprenderão sobre outras culturas e como é a vida de muitas crianças em outros países. Uma vez que uma criança tenha experimentado esta aventura, não voltará a ser a mesma.

Três centros de aprendizagem são a alma das *Aventuras da ADRA para Crianças*:

- Centro Crianças do Mundo
- Centro Bíblico para Crianças
- Centro Amizade em Ação

A presente guia está direcionada para o “Centro Crianças do Mundo” e dá orientações básicas para que a equipe de tal centro possa desenvolver as atividades que lhe são correspondentes.

A decoração deste centro de aprendizagem deve refletir o tema internacional. Portanto, deve conter bandeiras, roupas típicas de vários países, figuras de crianças e, ao fundo, um grande mapa do mundo.

Um membro da equipe, designado como narrador das histórias da ADRA, dará as boas-vindas às crianças e aos guias, e então começará a fazer uma descrição do continente e do país do dia. Uma das crianças deverá encontrar tal país no mapa. O ideal é que o narrador esteja vestido como um trabalhador da ADRA, ou seja, com camisa e chapéu da ADRA, ou calça, camisa e chapéu na cor cáqui, como para um safári. Alguns acessórios adicionais que estejam relacionados à história darão mais realce à mesma. Também, poderão ser compartilhadas algumas peculiaridades interessantes de cada país que estão descritas nos “Bocadinhos culturais”. Depois de contar a história, o narrador deverá manter um diálogo com as crianças a respeito do aspecto humanitário da mesma.

Cada dia, a devida página do passaporte deverá ser carimbada, de acordo com o país apresentado na história. Os passaportes deverão ser recolhidos ao final das atividades do dia, e no último dia, no programa de encerramento, as crianças poderão levar seu passaporte para casa.

Este centro ensina principalmente a respeito do que a ADRA faz e de como vivem as crianças em diversas partes do mundo, incluindo clima, vestimenta, expressões em várias línguas, comidas típicas, jogos, instrumentos, etc. Deve-se enfatizar que temos muito mais em comum com essas pessoas do que diferenças.

Caso decidam oferecer um lanche, o “Centro Crianças do Mundo” é o lugar adequado para servi-lo. Na “Guia de Implementação para Líderes” estão ideias de lanches para cada dia, representando os diferentes países. Muitas crianças vêm para o programa sem se alimentarem adequadamente. Servir um lanche saudável irá ajudá-las a responderem melhor e poderá também minimizar problemas disciplinares. Se necessário, prepare alimentos alternativos para crianças com algum tipo de alergia alimentar.



ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

África / Mali

HISTÓRIA DA ADRA:

"Ela queria chorar"

LANCHE:

Laranja, banana, manga e amendoim

CONTINENTE / PAÍS

ÁFRICA / MALI

1. Ajude as crianças a encontrarem o Mali no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- A temperatura em Mali varia de 30° a 50°C.
- Depois do aperto de mãos, pode-se tocar com a mão direita a fronte e o coração.
- Nunca deve ser usada a mão esquerda para cumprimento, oferecer dinheiro ou aceitar algo.
- Ao conversar com um idoso, não se deve olhá-lo nos olhos.
- Depois de cumprimentar alguém, você pode perguntar: "I somogo be di wa?" (Como está sua família?)

HISTÓRIA DA ADRA

"ELA QUERIA CHORAR"

O cobertor alaranjado de Jan, tão sujo quanto ela, parecia estar fora de lugar sobre o solo vermelho escuro da África. Ele seria sua cama naquela noite. Um pequeno cobertor em um chão extremamente duro. Jan havia acompanhado seu pai, um líder regional da ADRA, para aprender mais a respeito do trabalho da ADRA naquele local.

As cabanas naquela aldeia eram muito quentes e úmidas e assim os visitantes haviam decidido dormir do lado de fora para aproveitarem o frescor da noite, deitados no chão duro. Mas era impossível dormir naquele chão incômodo. A lua fazia com que os olhos das cabras brilhassem e quem sabe de quem mais. O som dos roncos ecoava de dentro das cabanas.

Na verdade, o principal motivo para dormir do lado de fora era ter um ar mais limpo e que fazia com que o mundo parecesse maior, feliz e em paz. Ali Jan não tinha o ruído do trânsito e as luzes da cidade. Apenas a escuridão e os sons da natureza enchiam a noite. Contra a tela aveludada do céu, as estrelas apresentavam um grande espetáculo. Depois de contar, pelo menos, vinte meteoritos, Jan finalmente conseguiu adormecer.

A beleza da noite começou a desaparecer com o primeiro beijo do alvorecer. As cabras começaram a balir e os bebês a chorar. As mães começaram a fazer as fogueiras e as crianças menores se reuniam ao redor delas sorrindo timidamente. O cobertor de Jan estava mais feio do que nunca, e ela decidiu que merecia o prêmio de ser o mais sujo. Um menino de

aproximadamente doze anos trouxe meio balde de água para ela se lavar, e assim o dia começou.

Esse seria o dia que Jan jamais esqueceria. Ela e seu pai brincaram com as crianças e conversaram com o chefe da aldeia a respeito das necessidades locais e de como poderiam ajudar. Depois conversaram com as mulheres, e Jan ficou admirada com elas, visto que faziam a maior parte do trabalho físico para poderem sobreviver.

Com a câmera na mão, ela caminhava sorrindo e tirando fotos, tentando capturar algo da vida da aldeia. Ela tentou tirar água do poço mais próximo, mas seus braços fracos não davam conta do peso. Rindo, as outras meninas se aproximaram para ajudar. Depois de anos tirando água, elas se tornaram fortes. Jan não conseguia entender como elas conseguiam sobreviver apenas com uma refeição diária.

Caminhando entre as cabanas, Jan viu uma idosa muito enrugada que segurava um bebê igualmente enrugado e que chorava. Então percebeu que a mulher era suficientemente jovem para ter um filho, mas o sol e o trabalho físico pesado faziam parecer que ela era mais velha. Jan cumprimentou-a com um sorriso.

A mulher devolveu o cumprimento, pondo o bebê nos braços de Jan. Então a convidou para entrar e se sentar. Dentro da cabana estava escuro e quente e não havia muito para ser visto – uns poucos recipientes de barro, algumas mantas em um canto e galinhas.

Era-lhe muito difícil não comparar aquela cabana com sua casa, que tinha tapetes grossos, aparelhos modernos, janelas que podiam ser abertas, camas com colchões macios e lençóis limpos. Somente o quarto de Jan era maior que a cabana daquela mulher.

Enquanto conversavam, a mulher perguntou se Jan tinha filhos e riu quando ela respondeu que, apesar de já ser “velha” com seus dezessete anos, não tinha nenhum. Depois de um tempo conversando, quando Jan indicou que se uniria ao grupo da ADRA, sua anfitriã sacudiu a cabeça e, colocando-se em pé, dirigiu-se a um recipiente na parte escura da casa. Imediatamente voltou com um prato com feijão e um cozido espesso.

Levando em conta a desnutrição do bebê e a magreza da mulher, Jan sabia que isso era um enorme sacrifício. Ela lhe estava dando o único alimento daquele dia. Jan sacudiu a cabeça dizendo: “Não! Não!” e devolveu o prato, acrescentando: “E você e o seu bebê?”

A mulher sacudiu a cabeça enfaticamente e empurrou o prato de volta para Jan.

Jan ficou confusa. Diante dela se encontrava aquela mulher pobre, mas feliz, que lhe estava entregando todo o seu alimento do dia.

Histórias bíblicas lhe passaram rapidamente pela mente. Lembrou-se da história da viúva que deu suas últimas moedas como oferta a Deus. Lembrou-se de como ela e outros membros da igreja, que tinham o estômago bem satisfeito, depositavam tão pouco na salva das ofertas. Jan queria chorar.

ANFITRIÃO: O que mais os impressionou nessa história? Vocês estariam dispostos a dar mesmo se tivessem muito pouco? Como podemos ajudar mais as pessoas necessitadas?





ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

África / Tanzânia

HISTÓRIA DA ADRA:

"Ele chegou perto de Miguel"

LANCHE:

Melancia e banana

CONTINENTE / PAÍS

ÁFRICA / TANZÂNIA

1. Ajude as crianças a encontrarem a Tanzânia no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- Na Tanzânia está localizado o ponto mais alto da África, o Monte Kilimanjaro, com 5.895 m de altitude.
- Um cumprimento comum em suaíli é: Hujambo (Como vai?), normalmente seguido pelo aperto de mãos.
- O cumprimento casual é Jambo (Olá).
- É considerado um insulto quando alguém faz o som: "tch-tch".
- A maioria dos alimentos é servida e comida com as mãos, a partir de um prato comunitário.

HISTÓRIA DA ADRA

"ELE CHEGOU PERTO DE MIGUEL"

O som distante de tambores e cantos chegava com o ar úmido da noite. Miguel bocejou espreguiçando seus músculos cansados enquanto o som do canto das cigarras se misturava ao ritmo da música, produzindo suave acompanhamento às melodias em suaíli, vindas da aldeia. O dia fora muito atarefado.

Os demais do grupo haviam decidido assistir à dança cerimonial próxima ao acampamento. Miguel ouvia os tambores e vozes alegres, mas estava cansado e queria dedicar um pouco de tempo para escrever. Ele acabara de chegar, juntamente com seu pai e suas irmãs gêmeas, na grande savana do sudeste da Tanzânia.

"Dia seis", escreveu cuidadosamente. "Cavamos um poço, e a água brotou com tanta força do chão que parecia um bebedouro. Meu pai e Sannoh ficaram felizes. Foi divertido, fazia muito calor, por isso bebi muita água para matar minha sede".

Ele fez uma pausa: "Nesta tarde, vi oito leões, mas estavam distantes. Gostaria de ver um mais de perto. Tamara e Estefânia ficaram com medo de que os leões as fossem devorar e assim se esconderam no Land Rover".

De repente, a barraca se moveu um pouco. Miguel ergueu os olhos do diário. "Olá", disse, "tem alguém aí?"

Como ninguém respondeu, acomodou-se novamente e seguiu escrevendo. A barraca se

moveu novamente, mas desta vez um pouco mais acima.

“Quem está aí?”, ele perguntou, tirando os pés do chão e ficando sobre a cama. Ele ouvira histórias a respeito de víboras e de outros animais noturnos que visitavam os acampantes naquela região. A reserva animal de Selous, uma das maiores do mundo, ficava nas proximidades.

Um focinho negro, com bigodes apareceu sob a lona da barraca. O focinho era seguido por um par de olhos brilhantes e orelhas pontiagudas.

Miguel deixou a caneta cair das mãos e permaneceu imóvel, sem fazer qualquer ruído. Um filhote de leão! O animal caminhou pela tenda, cheirando o ar como se estivesse dizendo: “Há alguma coisa aqui para comer?”

Miguel sabia que deveria permanecer imóvel. Sannoh, um trabalhador local da ADRA e conhecedor da fauna da Tanzânia, lhe dissera: “NÃO SE META COM OS ANIMAIS! São criaturas selvagens. Eles poderão atacá-lo, não importa quão lindos e mansos pareçam”. E acrescentou: “Caso você veja um filhote, saiba que provavelmente sua mãe ou pai está por perto”.

Miguel continuou sentado tranquilo enquanto o filhotinho passeava pela barraca. Como ele queria esticar a mão e tocá-lo, brincar com ele e talvez dar-lhe um pouco de leite. Mas as palavras de Sannoh seguiam na sua mente.

Porém, houve algo que seu amigo não lhe dissera: “Você não pode conversar com um animal selvagem”.

Então Miguel deu um lindo sorriso e disse baixinho: “Olá, leãozinho”. O filhote parou e ficou com os pelos das costas eriçados, observando atentamente a sombra misteriosa sobre a cama enquanto torcia um pouco a cabeça.

“Eu não vou machucar você”, Miguel disse. “Venha me visitar quando quiser”.

De repente, outro som foi ouvido perto da barraca. Não era o dos tambores ou das canções. Não mesmo! Era um grunhido! Um grunhido especial, muito, muito profundo e poderoso.

Miguel empalideceu. Já havia ouvido esse som antes, naquele dia! Seu pequeno visitante peludo deu meia-volta e respondeu ao interlocutor invisível com um grunhido breve. Agora, na escuridão ele ouviu outro som mais grave, com mais urgência e mais imponente.

O filhote olhou para Miguel e cheirou a tenda pela última vez. Então, virou-se e desapareceu sob a lona, deixando o rapaz tremendo sobre a cama.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, Miguel soltou a respiração que prendera desde que ouvira o primeiro grunhido. Os tambores e as músicas seguiam soando à distância. As cigarras também seguiam acrescentando o ritmo, mas o rapaz não mais os ouvia. O único que lhe ficara nos ouvidos era o grave e poderoso grunhido que soava em sua mente repetidas vezes. Lentamente, esticou a mão para pegar a caneta, mas tremia tanto que não conseguia agarrá-la.

“Ô, Miguel”, ele ouviu uma voz forte, assustando-o. “Venha logo. Você não deve perder a

grande cerimônia". Era Sannoh, seu amigo. Ao ver Miguel, ele perguntou: "Você está bem?"

"Sim", Miguel respondeu em voz baixa e entrecortada. "Es-tou bem". "Você está triste por não ter visto um leão de perto? Não se preocupe, amanhã será outro longo dia e talvez você veja um".

O rapaz afirmou com a cabeça, com os olhos ainda grudados na lona da porta da barraca: "Sabe, Sannoh, acho que prefiro ver os leões de longe".

Sannoh sorriu e deixou a barraca. Então Miguel finalmente conseguiu segurar a caneta e escreveu em seu diário: "Vi um leão, bem de perto".

O som dos tambores aumentou, e Miguel percebeu que estava novamente sozinho. Em algum lugar da grande reserva animal de Selous, um filhotinho seguia atrás da mãe, ainda confuso pelo encontro inesperado com um rapaz dentro de uma barraca.

"Sannoh! Espere!" – Miguel gritou em meio à escuridão.

ANFITRIÃO: Vocês já passaram por uma experiência parecida com a de Miguel? O que vocês fariam caso encontrassem um animal selvagem dentro de sua casa? Será que foi bom ele se ter lembrado dos conselhos de Sannoh?

Peça a Jesus para sempre ajudá-lo a lembrar-se de fazer o que é certo.





ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

Ásia / Bangladesh

HISTÓRIA DA ADRA:

"Enchendo pratos vazios"

LANCHE:

Biscoitos de arroz, água ou suco de fruta

CONTINENTE / PAÍS

ÁSIA / BANGLADESH

1. Ajude as crianças a encontrarem Bangladesh no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- Durante a temporada das chuvas (junho a outubro), Bangladesh corre o risco de sofrer inundações e ciclones.
- Nunca dê aperto de mãos, beije ou abrace uma pessoa do sexo oposto em público.
- Os filhos devem cuidar dos pais quando estes forem idosos.
- De forma geral, as mulheres se casam antes dos dezoito anos, especialmente nas áreas rurais. Com frequência, os casamentos são arranjados por um casamenteiro (ghatak).

HISTÓRIA DA ADRA

“ENCHENDO PRATOS VAZIOS”

Parnay, além de cuidar de sua família, é dona e administradora de seu próprio negócio. Isso é comum em nosso país, mas no caso de Parnay é um milagre. Ela vive em Bangladesh.

Parnay fabrica cestas e as vende a um exportador que vem à sua aldeia em busca de artigos feitos a mão. Ele os exporta para o Canadá e Estados Unidos. Seu marido trabalha com ela, buscando materiais com preços melhores. Com o que ganham, alimentam a família e provêem atenção médica. Ela também se preocupa com que suas filhas tenham a mesma oportunidade de frequentar a escola que os filhos. Isso é muito importante para Parnay.

Há alguns anos, ela não sabia ler ou escrever. Porém, certo dia, a ADRA chegou à sua aldeia e reuniu grande número de mulheres para lhes ensinar habilidades básicas. Parnay foi à primeira reunião apenas para acompanhar uma amiga. Ela teve de ser muito corajosa, visto que não estava acostumada a sair sem a companhia do marido. As mulheres ali usam um véu para cobrir o rosto.

Durante a reunião, o pessoal da ADRA falou a respeito do cuidado da saúde e disse que poderia ensinar Parnay a cuidar melhor de si mesma e de seus filhos. Ainda, disse que poderia ensiná-la a ler e a escrever e que, uma vez que tivesse mais instrução, lhe apareceriam novas oportunidades. Sem dúvida, Parnay ficou ansiosa para voltar às reuniões.

Assim como a ADRA havia prometido, as mulheres aprenderam a cuidar de sua saúde. Descobriram como é importante se alimentar bem quando estão grávidas e como cuidar melhor dos dentes. Embora a vacinação contra enfermidades infantis esteja disponível, algumas mulheres não levavam seus filhos para serem vacinados porque desconheciam o

horário em que o posto de saúde estava aberto. Agora Parnay sabe a importância de tudo isso.

“Começamos a ler, a escrever e a realizar operações matemáticas básicas. Quanto mais aprendíamos, mais queríamos aprender. Não demorou muito e vimos que tínhamos tanto conhecimento quanto alguns homens da aldeia, visto que quando crianças éramos proibidas de frequentar a escola”, Parnay afirmou.

As mulheres da aldeia estavam muito entusiasmadas com seu grupo. Na primeira reunião, compareceram apenas algumas mulheres, mas agora eram mais de 250.

O fato de saber ler ajudou as mulheres a acreditarem em si mesmas. Assim quando a ADRA começou a oferecer cursos de administração, Parnay assistiu às aulas. Embora no passado tivesse medo de sair sozinha ou tomar decisões por si mesma, agora ela se sentia autossuficiente e foi a primeira mulher a solicitar um empréstimo da ADRA para dar início à uma cooperativa comunitária. Ela poderia ter pedido uma certa quantia emprestada, mas traçou cuidadosamente um plano e fez um empréstimo de apenas metade do valor, somente o necessário para iniciar um negócio em Bangladesh.

As habilidades aprendidas por Parnay no grupo da ADRA se transformaram em uma próspera indústria de artesanato. Ela já devolveu o empréstimo, incluindo os juros. Agora está concentrada em construir seu negócio.

A ADRA ajudou Parnay não apenas a ser autossuficiente, mas também de outras maneiras. Seu marido começou a trabalhar para ela quando viu o êxito que tinha e agora ele a respeita e admira. Parnay aprendeu a assumir responsabilidade por si mesma e por seus filhos.

Por exemplo, quando o pessoal de saúde não apareceu na aldeia para vacinar as crianças, Parnay organizou um grupo de mulheres para exigir que o posto de saúde cumprisse seu dever.

Certa vez, uma líder do grupo estava muito ocupada e como seu marido ia à aldeia, pediu-lhe para depositar alguns fundos do grupo no banco. Ele imaginou que ela nunca perceberia que ele ficara com parte do dinheiro. Quando ele trouxe o recibo do depósito, ela perguntou a respeito do dinheiro que estava faltando. Ele lhe respondeu para não se preocupar, mas quando essa mulher ameaçou contar a todas as mulheres da cooperativa, ele rapidamente devolveu o dinheiro.

Muitas das mulheres do grupo começaram empreendimentos de êxito. Parnay tem muitas amigas, e elas frequentemente conversam a respeito do quanto se desenvolveram em sua autossuficiência e autoestima. Parnay lembra quando a princípio algumas delas queriam jogar pedras no pessoal da ADRA. A mudança foi realmente grande. Visto que agora há mais recursos para manter as famílias, há menos roubos na aldeia. À medida que as pessoas se sentem melhor, desenvolvem também tolerância com os demais.

Quando Parnay ficou sabendo que a ADRA estava pensando em realizar novos programas para ajudar outras mulheres, em outras regiões de Bangladesh, dedicou uma porcentagem de seus lucros de cada mês para dar sua contribuição. Essa é a oportunidade dela de ajudar

o trabalho da ADRA. Quando você ajuda as pessoas a melhorarem de vida, elas, por sua vez, darão apoio para melhorar sua comunidade. Parnay deseja fazer parte disso.

“Nós vivíamos com os pratos vazios”, disse Parnay. “Mas a ADRA os encheu. Se agora a ADRA vier com um prato vazio, nós o encheremos”.

ANFITRIÃO: Parece que o trabalho dos pais nunca termina: cozinhar, limpar, fazer compras, lavar e costurar são apenas algumas das tarefas que enfrentam depois de um dia de trabalho árduo. As crianças necessitam de cuidados quando estão doentes, de ajuda nas tarefas escolares e de alguém que as leve a diferentes lugares. As crianças também apreciam quando os pais brincam com elas.

O que ocorre quando o pai e a mãe não têm trabalho? É difícil cuidar da família? A ADRA ajuda os pais a aprenderem novos ofícios e a desenvolverem pequenos negócios como os que ouvimos na história.

Sejam agradecidos a Jesus por seus pais, familiares e por aqueles que cuidam de vocês. Peçamos a Ele que ajude a ADRA a continuar ajudando os pais no mundo inteiro.





DIA QUATRO

ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

Ásia / Malásia

HISTÓRIA DA ADRA:

"As chuvas de Kuching"

LANCHE:

Rodelas de papaia e de abacaxi com bolinhos de arroz

CONTINENTE / PAÍS

ÁSIA / MALÁSIA

1. Ajude as crianças a encontrarem a Malásia no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- A Malásia tem duas regiões distintas: a península da Malásia que está localizada ao sul da Tailândia e ao norte de Cingapura, e a Malásia Oriental que fica na ilha de Bornéu e consiste de dois estados, Sarawak e Sabah.
- A saudação típica em malaio é “Salamat pagi” (Bom dia) ou “Apa Khabar”? (Como vai?)
- É descortesia chamar ou gesticular para os adultos, salvo se forem amigos próximos.
- Na cultura malaia, a cabeça é o ponto mais sagrado do corpo, e assim, é descortesia tocar a cabeça de outra pessoa, até mesmo de uma criança.

HISTÓRIA DA ADRA

“AS CHUVAS DE KUCHING”

Stuart, Spencer e Brittany não podiam crer no que viam. Estavam sentados e olhando fascinados pela janela do hotel enquanto a chuva torrencial caía sobre a cidade de Kuching, Estado de Sarawak, Malásia.

– Todos vão se afogar? – Brittany perguntou.

Stuart sacudiu negativamente a cabeça, com autoridade de irmão mais velho, acomodando-se na cadeira, dando a impressão de que era mais maduro do que seus doze anos, e disse:

– Não, eles não vão se afogar. Tia Carol disse que aqui sempre chove assim. Ela sabe o que diz. Ela vive aqui em Kuching desde que eu era pequeno.

– Você ainda é pequeno – Spencer cortou.

Ignorando o comentário de seu irmão mais novo, seguiu dizendo:

– Lembrem-se, estamos em Sarawak. Estamos próximos da linha do Equador. É por isso que faz calor e há muita umidade na maior parte do tempo. Tia Carol disse que a chuva ajuda a limpar as ruas da cidade. Ela e eu gostamos muito da chuva.

– Eu não gosto de chuva – disse Brittany em tom de lamento.

– Não se preocupe – Stuart disse como alguém que realmente conhece o assunto. – Logo a chuva passará. Ela é assim nesta época do ano.

Foi o que aconteceu. Decorridos alguns minutos, a chuva torrencial parou tão instantaneamente como começara. O sol quente voltou a brilhar por trás das nuvens.

Poucos minutos depois, tia Carol apareceu sorridente junto à porta e, com voz alegre, como o sol radiante, disse:

– Vocês estão prontos para sairmos e conhecermos os arredores?

– Estamos prontos! – as crianças gritaram.

Tia Carol, animada, dirigia pelas ruas recém-lavadas pela chuva, mostrando lugares muito interessantes, estranhos e bonitos. Esse passeio estava sendo uma grande aventura.

Eles pararam para contemplar os lindos e ornamentais templos, onde se podiam ver delicadas decorações e ouvir orações melodiosas cantadas ao som de sinos. Depois, pararam à margem do rio Sarawak para ver Astana, a luxuosa mansão do governador, construída há muitos anos pelo Cavaleiro James Brooke, um rajá branco e explorador da Índia.

Tia Carol até mesmo fizera acertos para que eles visitassem uma indústria manufatureira onde era preparado o látex vindo da selva, antes de ser enviado para o restante do mundo.

Mas, nem toda a cidade era beleza e riqueza. Ao percorrerem as ruas congestionadas, as crianças notaram lugares onde as pessoas lutavam para sobreviver.

– Olha, tia Carol! – Brittany disse apontando pela janela. – As pessoas aqui também precisam de conhecimento a respeito da saúde, não é mesmo? Quando elas aprenderem a viver de forma saudável, limparão as casas e lavarão a roupa, como as pessoas que conhecemos na cabeceira do rio.

– É verdade, não importa onde vivamos, ou se a casa é feita de tijolos ou de palha, a educação em saúde continua sendo muito importante.

– Por que você não abre uma clínica aqui em Kuching? – Stuart perguntou. – As pessoas pobres poderiam vir para a clínica e aprender a respeito dos germes, das doenças e de outras coisas.

– Você acha que essa é uma boa ideia? – a tia lhe perguntou.

– É, Stuart ainda tem algumas ideias boas de vez em quando – Spencer disparou.

Sorrindo, a tia disse:

– Então, vou lhes mostrar um lugar muito importante na cidade.

Tia Carol seguiu por um caminho que os distanciou do centro da cidade. Logo pararam em uma rua e ela desligou o motor. Todos deixaram o veículo.

Ali havia pessoas caminhando pelas ruas, os vendedores anunciavam seus produtos diante de suas barracas, e eles podiam sentir o cheiro delicioso de pão saído do forno, vindo de um restaurante.

– Não vejo nada de diferente aqui – Stuart disse, dirigindo-se ao grupo que se abrigava sob a sombra da lona colorida de uma barraca de frutas.

Brittany olhou atentamente ao redor até que seus olhos toparam com um pequeno cartaz sobre uma porta do outro lado da rua.

– Ei, esperem! – ela disse enfaticamente. – Sei o que está escrito no cartaz.

Seus irmãos olharam para onde ela estava assinalando. Sobre a porta, um pequeno cartaz

escrito a mão dizia em inglês e em malaio: CLÍNICA DE SAÚDE ADRA. TODOS SÃO BEM-VINDOS!
As crianças sorriram felizes ao verem o cartaz.

– Agora eu sei porque você nos trouxe até aqui, tia – Stuart disse.

– Então você também ajuda as pessoas da cidade – acrescentou Spencer.

Tia Carol explicou que há bons hospitais em Sarawak, mas que às vezes estão tão ocupados para atender às pessoas doentes, que não têm tempo para ensiná-las a se manterem saudáveis. É aí que a ADRA pode ajudá-las. – Queremos que todas as pessoas tenham a oportunidade de ter saúde, não importa onde vivam ou onde trabalhem, quer na mata, quer na cidade, no deserto ou nas montanhas, a saúde é importante em todas as partes – disse tia Carol.

Repentinamente, desabou outra chuva torrencial, fazendo com que todos corressem para se proteger. Tia Carol e as crianças ouviram o som das grossas gotas na lona sobre suas cabeças e observaram como os bueiros recebiam o rio que se formava nas guias das calçadas. Algumas pessoas se abrigaram entrando na clínica para evitar ficarem molhadas.

– Veja – Brittany gritou assinalando para o outro lado da rua – as chuvas de Kuching estão trabalhando para que todos se mantenham saudáveis.

– Ainda bem que estamos sob esta lona plástica. Aqui a chuva não nos pode molhar – Stuart disse rindo e abraçando um dos paus da barraca.

Sem qualquer advertência, o pau caiu, derramando toda a água acumulada no teto sobre os surpresos visitantes.

– Stuart! – tia Carol exclamou, sacudindo a água da cabeça. – Parece que você quer se assegurar de que todas as pessoas que visitam Sarawak saibam que este é um lugar onde elas podem se molhar!

ANFITRIÃO: Por que é importante ensinar princípios de saúde às pessoas? Quais são algumas regras para se ter boa saúde? (Permita que várias crianças expressem suas ideias.) Agradeça a Jesus por haver criado nosso corpo de forma tão maravilhosa e peça-Lhe para ajudá-lo a seguir as regras para a boa saúde.





DIA CINCO

ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

Ásia / Índia

HISTÓRIA DA ADRA:

"O presente de Sonny"

LANCHE:

Pão crocante da Índia, manga, papaia e banana

CONTINENTE / PAÍS

ÁSIA / ÍNDIA

1. Ajude as crianças a encontrarem a Índia no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- Tradicionalmente, os indianos costumam comer usando a mão direita, sem nenhum talher, visto que a mão esquerda é usada para propósitos higiênicos e, portanto, considerada impura.
- Para os hindus, a vaca é considerada um animal sagrado. Sendo assim, para eles o consumo de carne de vaca é proibido. Estas circulam livremente pelas ruas.
- Na Índia, o principal e mais econômico meio de transporte é o trem.
- No verão, em algumas partes do país, a temperatura chega a 45° C.

HISTÓRIA DA ADRA

“O PRESENTE DE SONNY”

“Não se esqueça de trazer seu casaco novo”, a mãe de Sonny lhe disse do lado de fora da barraca. “A noite vai esfriar aqui nas montanhas”. Ela estava ocupada carregando os equipamentos médicos na parte de trás de um jipe verde e branco muito velho.

“Sim, mamãe”, Sonny respondeu pegando o casaco no gancho da barraca. Fechando o zíper da mochila, disse para a mãe que estava pronto.

Horas depois, o pequeno jipe sacolejava enquanto avançava pelo caminho até uma aldeia, aos pés das imponentes montanhas do Himalaia, no norte da Índia. Na semana anterior, um terremoto havia destruído vários povoados, deixando as ruas cheias de escombros e pessoas assustadas, as quais haviam perdido tudo.

A Sra. Miller começou a trabalhar imediatamente, tentando resolver as necessidades de saúde das pessoas, enquanto Sonny também trabalhava buscando pessoas que estivessem muito doentes ou fracas para caminhar até a clínica improvisada de sua mãe. Ao virar uma esquina, viu um menino, talvez da sua idade, sentado ao lado de um homem caído no chão. Sonny observou os dois por um momento. “Você está bem?”, perguntou ao menino.

Sacudindo a cabeça lentamente, ele respondeu: “Meu pai foi ferido por alguns tijolos que caíram sobre ele e não consegue caminhar”. “Minha mãe pode ajudá-lo”, Sonny disse olhando para a montanha de escombros que uma vez fora um edifício. Então perguntou: “Aqui era a sua casa?” O menino gesticulou afirmativamente e disse: “Não sobrou nada. Tudo foi destruído”.

Minutos depois a Sra. Miller se ajoelhou ao lado do homem e tratou-lhe as feridas das pernas e dos braços. Sonny observava em silêncio. Então notou que enquanto sua mãe trabalhava, o menino estava com os olhos fixos nele. Seu olhar era triste. Parecia que ele queria dizer algo. Sonny não sabia o que era.

“Seu pai se sentirá muito melhor amanhã”, a Sra. Miller disse ao menino. “Por favor, dê-lhe água quando tiver sede e mantenha os insetos longe das feridas, está bem?”

O menino concordou com a cabeça e acrescentou: “Obrigado”.

Durante todo o dia Sonny não conseguia tirar de sua mente a imagem do menino triste. Enquanto ajudava sua mãe a carregar água do único poço não danificado da aldeia, ou entregando alimentos para as famílias, ou removendo os escombros das ruas, aqueles olhos continuavam olhando para ele. O que será que o menino queria? O que havia por trás daquele olhar triste? Sonny seguia se perguntando.

“Logo irá escurecer”, ele ouviu sua mãe gritando. “Quero chegar ao vale antes que anoiteça. Venha me ajudar a guardar nossas coisas para podermos partir”. Ela suspirou: “Creio que fizemos tudo o que nos foi possível aqui”.

Sonny começou a guardar os remédios e os equipamentos da pequena clínica. “Está começando a esfriar”, comentou.

“Estas aldeias nas montanhas estão situadas acima dos povoados do vale”, a mãe lhe explicou. “O ar vindo das montanhas é mais frio”.

Sonny sorriu por dentro. “Por que me preocupar? Meu casaco me protegerá do frio”. Embora não fosse um casaco de marca, mantê-lo-ia aquecido. Seguiu quieto com seus pensamentos e então novamente lembrou-se do olhar daquele menino. Aqueles olhos não estavam nele, mas em seu casaco.

Nesse momento uma rajada fria veio das montanhas, levantando pó das ruas e dos escombros.

“Já volto, mamãe!” - gritou. Pegou a mochila e começou a correr.

As sombras da tarde começavam a cobrir a aldeia quando o menino, ainda ao lado do pai, viu que alguém se aproximava. Sonny se abaixou, entregou-lhe o casaco e disse: “Você não vai mais passar frio”.

A Sra. Miller olhou surpresa enquanto seu filho se aproximava. “Aonde você foi? Cadê o seu casaco?”

Sonny respondeu: “Fiquei pensando naquele menino que perdeu tudo e achei que ele precisaria do meu casaco”.

Sentado no banco do passageiro, Sonny suspirou satisfeito: “É melhor irmos já, pois está esfriando”.

O jipe se foi deixando para trás uma aldeia com menos dor e um menino satisfeito em seu coração e com o corpo aquecido.

ANFITRIÃO: Alguma vez vocês deram ou receberam um presente como fez Sonny? O que tornou esse presente tão especial? Como podemos ajudar as pessoas que vivem ao nosso redor? Como podemos ajudar a ADRA a fazer diferença na vida das pessoas ao redor do mundo?





DIA SEIS

ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

América do Sul / Bolívia

HISTÓRIA DA ADRA:

"A grande transformação de Laura"

LANCHE:

Pipoca

CONTINENTE / PAÍS

AMÉRICA DO SUL / BOLÍVIA

1. Ajude as crianças a encontrarem a Bolívia no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- Na Bolívia, muitas mulheres usam saias rodadas e coloridas e também chapéu, dependendo do lugar onde vivem.
- Os bolivianos falam espanhol e seu cumprimento típico é: ¡Buenos días! ou ¿Cómo estás?
- Uma forma de dizer “não tem” ou “não” é levantar a mão com a palma para fora e com os dedos estendidos, movendo-a rapidamente para os lados (girar a mão no eixo do pulso).
- Você sempre deve olhar nos olhos da pessoa com quem estiver falando. Se não fizer isso, dará a entender suspeita, desconfiança e timidez.

HISTÓRIA DA ADRA

“A GRANDE TRANSFORMAÇÃO DE LAURA”

NOTA: Se possível, consiga um CD com músicas de flauta de pan. Permita que as crianças ouçam por alguns minutos.

Laura respirou profundamente, colocou os lábios na borda do instrumento e soprou.

– Ai, ai, ai! – seus amigos exclamaram, tapando os ouvidos com as mãos. – Como você toca mal!

A menina sorriu timidamente.

– Não sei tocar muito bem. Mas na Bolívia, onde passei o verão, havia um homem que tocava músicas lindas neste instrumento. Chama-se flauta de pan. Esta aqui foi fabricada por ele especialmente para mim, com canas de diversos tamanhos.

Sorrindo, a professora da quarta série, Srta. Dawson, deu sua aprovação e disse:

– Esta foi uma... demonstração interessante. – Então, dirigindo-se à classe acrescentou – Laura e seu irmão foram para a Bolívia acompanhando os pais para ajudarem em um projeto agrícola no altiplano. Quem sabe o que significa a palavra altiplano?

Rapidamente, uma mão se levantou no fundo da sala.

– Significa planície alta. E eu acho que a música que Laura tocou é muito bonita.

– Obrigada, Amélia – a professora respondeu.

Quando soou o sinal indicando o recreio, Laura saiu depressa para lanche. Ela estava com fome e imaginando o lanche delicioso que mamãe preparara cedo de manhã. Dirigindo-se ao

seu lugar favorito no pátio da escola, viu que Amélia estava sentada sozinha.

– Posso comer com você? – Laura perguntou. – Devo compartilhar meu lanche com quem aprecia minha forma de tocar flauta e teve a coragem de dizer isso a todos na classe. – Amélia riu.

– Não foi a forma como você tocou que me levou a dizer aquilo. Foram os sons lindos que saíram da flauta. Eles me fizeram pensar nas montanhas altas e nos vales cheios de... como é mesmo o nome dos animais que você mencionou?

– Lhamas – Laura respondeu.

– Lhamas – Amélia repetiu. – A Bolívia deve ser muito bonita.

– Sim, é muito bonita – ela respondeu com a boca cheia, dificultando a compreensão. – As pessoas são muito boas. Sorriem e fazem com que você se sinta bem.

– Oi, Laura! Você quer trocar sua flauta de pan, ou como quer que se chame, por uma linda maçã vermelha? – Laura ergueu os olhos e viu Jimmy caminhando na direção delas.

– Jimmy, você não pode comer uma flauta de pan. Não acredito que você esteja interessado em trocar algo que pode comer pelo que não pode comer!

– Minha mãe insiste em que eu coma mais frutas, mas eu gosto mesmo é de chocolate – disse Jimmy.

– Então, por que você quer uma flauta de pan? – Laura perguntou.

– Bem, não posso comê-la, mas com ela posso fazer meu cachorro uivar! O que você acha?

– Não vou trocar minha flauta de pan – ela disse sacudindo a cabeça. – Mas você aceita trocar sua maçã por um cartão postal da Bolívia? Eu trouxe vários de lá. Um deles mostra uma ave da América do Sul voando sobre os Andes.

– Aceito! Vou mostrar o postal para minha mãe e dizer que essa ave me fez entregar minha maçã.

Neste meio tempo, várias crianças haviam rodeado Laura querendo ver os postais e a flauta. Então uma das crianças perguntou:

– Você tem algo mais para trocar?

– Eu também quero fazer uma troca por um postal, pois a Bolívia é um lugar muito bonito – outra criança acrescentou.

– Hmmm, isso está ficando interessante – Laura disse olhando para a Amélia.

As duas meninas foram em busca de seus pertences enquanto um grupo grande de crianças as seguia. Em poucos minutos Laura havia trocado sua pequena coleção de postais por uma maçã e uma banana.

– Tudo isso me fez lembrar uma coisa – Laura disse suspirando.

– O quê? – Perguntou Amélia.

– Há pessoas que vivem nas montanhas da Bolívia que teriam dificuldade para em tão pouco tempo conseguir frutas que nós conseguimos em apenas uns poucos minutos – ela

disse em tom preocupado.

– Sim, é verdade – Amélia concordou. – Acho que deveríamos fazer alguma coisa a respeito.

Laura e Amélia decidiram que compartilhariam a comida que haviam conseguido com crianças realmente necessitadas. À noite, quando o papai foi pôr Laura para dormir, ela lhe deu um beijo e disse:

– Papai, hoje eu aprendi algo na escola!

– Que bom! Já era hora de você aprender alguma coisa – o papai disse brincando.

– Aprendi a ser agradecida pelo que tenho, como por exemplo, a comida que temos na geladeira e os lanches que a mamãe prepara para mim a cada dia. É tão fácil deixar de ver o quanto muitas pessoas têm de lutar para conseguir seu alimento. Quero ser mais atenta às necessidades dos outros.

– Parabéns, minha filha. É muito importante ajudar os outros e lembrar de agradecer a Deus pelas bênçãos que recebemos a cada dia.

– É verdade, papai.

Então ela lhe deu um forte abraço.

ANFITRIÃO: Vocês já passaram por uma experiência parecida com a de Laura? Vocês gostam de fazer trocas? Como se sentiriam se não tivessem comida suficiente? Pensem no que poderiam fazer para ajudar pessoas que têm essa necessidade.





ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

América Central / Nicarágua

HISTÓRIA DA ADRA:

"Milagres no poço"

LANCHE:

Biscoitos ou chips de banana

CONTINENTE / PAÍS

AMÉRICA CENTRAL / NICARÁGUA

1. Ajude as crianças a encontrarem a Nicarágua no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- O Lago da Nicarágua é o único lago de água doce do mundo que contém tubarões e peixe-serra.
- Em 1998, o furacão Mitch causou muitos danos dos quais o país ainda está se recuperando.
- Para indicar algo, a pessoa junta os lábios e estende a mandíbula na direção daquilo que deseja mostrar.
- Se uma pessoa deseja pagar algo, pode esfregar os dedos indicadores.
- Na Nicarágua existem alguns vulcões ativos. Ela é conhecida como “Terra dos lagos e vulcões”.

HISTÓRIA DA ADRA

“MILAGRES NO POÇO”

Quando Jeep e Helen se ofereceram como voluntários da ADRA, pensaram que iriam para a Rússia. Porém, foram encaminhados para a Nicarágua, a uma escola vocacional. Os administradores dessa escola ficaram felizes de recebê-los, a despeito de que teriam preferido receber a ajuda de um engenheiro ou um encanador, e não de um serralheiro.

Mas Deus sabia o que estava fazendo. Essa escola obtém 90% da água que usa de um poço com duzentos metros de profundidade, situado no campus. O poço fornece água para as casas dos professores, para os dormitórios e para o refeitório, e quando Jeep e Helen chegaram, a bomba havia parado de funcionar. Como a escola poderia funcionar sem água?

No início, a solução parecia simples. O pessoal da manutenção instalou um suporte ao cano conectado à bomba e tentou levá-la com uma roldana e correntes. Mas quando já tinham puxado sete metros de cano, o suporte quebrou, e a bomba, o fio elétrico e mais de cento e oitenta metros de cano caíram no fundo do poço.

Desanimados, os administradores tiveram que fazer acertos para que o trator da escola transportasse água vinda da propriedade de um vizinho. A água teve de ser racionada nos dormitórios, no refeitório e nas casas dos professores. Os alunos podiam tomar banho apenas duas vezes por semana no quente clima tropical da Nicarágua. As caixas d’água estavam vazias. Você gostaria de estar lá? Foi essa a situação que Jeep e Helen encontraram ao chegar.

Jeep analisou a situação. Amarrou uma corda de nylon a uma lanterna. À medida que baixava a luz, olhava para o fundo do poço com um binóculo. Viu a ponta do cano, aproximadamente 25 m abaixo, mas não havia nada onde pudesse ser enganchado para retirá-lo. Agora compreendia porque todos estavam desanimados.

Isso podia ser desalentador para todos, menos para um serralheiro.

Ele disse para Helen não se preocupar e então oraram pedindo as bênçãos de Deus. Jeep desenhou uma nova ferramenta que ao ser colocada dentro do cano se expandiria ao ser levantada.

Jeep entrou em contato com seu irmão, cuja profissão é armeiro, que poderia construir a ferramenta necessária, e enviou por fax o desenho e as medidas. Neste meio tempo, Helen, Jeep e os demais seguiam orando. Poucos dias depois, Jeep tinha em suas mãos a nova ferramenta. Agora chegara a parte mais difícil. O cano havia deslizado mais quatro metros e colocar a ferramenta em sua abertura era como colocar a linha em uma agulha a quase trinta metros de distância. Finalmente, Jeep conseguiu encaixar a ferramenta e prender o cano.

Agora precisavam de um guincho elétrico. (Se tiver a figura, mostre-a.) Mas não havia nenhum na Nicarágua. Seguiram orando e finalmente encontraram um na Costa Rica, que faz fronteira com a Nicarágua. A escola não tinha condições de comprá-lo, mas conseguiu alugá-lo. Com o guincho no lugar, prosseguiram com a tarefa. Depois de subir uma, duas, três partes do cano, o motor do guincho parou. Por quê? O que será que teria acontecido agora?

Todos tentaram levantá-lo, uma e outra vez, mas não conseguiram. Oraram e seguiram tentando durante duas horas sem êxito. Finalmente, depois de quase três horas de trabalho, tiveram a impressão de que o cano se movera um pouco!

Imediatamente soltaram-no do guincho e começaram eles mesmos a puxar os canos, com muito cuidado e esforço. Ninguém queria correr o risco de que os canos caíssem novamente no poço, e assim grupos de três alunos trabalharam em turnos. Levantavam seis metros a cada trinta minutos.

Finalmente, já noite, a última parte saiu à superfície. Todos concordaram que ocorreram dois milagres – a bomba d'água fora consertada e Jeep e Helen haviam sido enviados à Nicarágua. Louvaram a Deus. Agora a escola podia seguir funcionando sem transtornos.

Qual foi a explicação de Jeep? "Fé! Deus nunca falha. Quando confiamos nEle e estamos dispostos a fazer tudo o que podemos, Ele faz milagres". Desta vez, o milagre trouxe água.

ANFITRIÃO: Alguma vez vocês pensaram na água que bebem? Damos por certo que é potável? Muitas pessoas não têm água potável para beber. Às vezes, têm de caminhar quilômetros para consegui-la. E quando chegam ao local, ocorre com frequência de a água estar suja e cheia de bactérias e germes. Isso provoca graves problemas de saúde. As pessoas que bebem água contaminada, podem ficar doentes e até morrer. Em muitas partes do

mundo, a ADRA ajuda a cavar poços e a instalar canos. Isso permite que as pessoas tenham água potável para terem saúde. Dediquemos agora alguns instantes para agradecer a Jesus pelo milagre de ter água limpa.





DIA OITO

ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

Europa / Moldávia

HISTÓRIA DA ADRA:

"Agora posso morrer feliz"

LANCHE:

Laranjas e biscoitos

CONTINENTE / PAÍS

EUROPA / MOLDAVIA

1. Ajude as crianças a encontrarem a Moldávia no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- Na Moldávia, algumas saudações são Buna Ziua (Bom dia) e Ce mai facetz (Como vai?).
- É descortês pôr os pés sobre os móveis, cruzar as pernas diante dos mais velhos, ou mascar chiclete enquanto fala.
- Também é falta de cortesia comer em público enquanto está caminhando.
- Os homens devem abrir as portas para as mulheres e praticar outros atos de cavalheirismo.

HISTÓRIA DA ADRA

“AGORA POSSO MORRER FELIZ”

A Moldávia é um pequeno país situado entre a Romênia e a Ucrânia. Quando os idosos já não podem trabalhar, recebem do governo uma pequena pensão mensal. O problema é que essa pensão não é suficiente para sustentar uma pessoa. Isso ajuda um pouco, mas não o suficiente quando se considera que somente o aluguel pode consumir toda a pensão.

Meu nome é Andrei e, como empregado da ADRA, posso lhes dizer que vi muita gente necessitada. Mas, quando penso nisso, há uma mulher que se destaca. Certo dia, enquanto estava com um grupo da ADRA, visitando o projeto que ajuda a alimentar um grupo de idosos abrigados em um pensionato da Moldávia, uma mulher insistia persistentemente em falar conosco. O tradutor nos disse que ela tinha noventa e dois anos, e ela nos mostrou a laranja que tinha em suas mãos. Então nos contou a respeito do sonho de sua vida.

“Desde que tinha seis anos desejava provar uma laranja. Certa vez, vi um senhor rico comendo-a e me perguntei o que seria. Quando tinha dez anos, soube que aquela fruta se chamava ‘laranja’. Porém, ainda não havia provado uma. Tínhamos de trabalhar muito e eu não podia comprar uma laranja porque custava muito caro, o equivalente ao preço da farinha para todo um mês. Depois veio a Segunda Guerra Mundial e, obviamente, não podíamos pensar nessa fruta naquele tempo. Depois da guerra, tudo era muito difícil. Não podíamos conseguir pão e comíamos as cascas das batatas e claro, não comíamos laranjas. Durante o período do governo soviético, ela era considerada uma fruta má – uma fruta apenas para os ricos.”

“Lamentavelmente, meu esposo e meus dois filhos já estão mortos, e agora estou só.

Pensei que no inverno seguinte morreria porque não tinha como esquentar minha casa e muito menos como conseguir comida. Não pude crer quando encontrei uma laranja nos mantimentos que a ADRA me deu.”

“Agora posso morrer feliz”, ela disse.

Ela havia esperado por mais de uma semana, na volta do pessoal da ADRA, para agradecer. Depois cortou a laranja em quatro partes e as repartiu comigo, nosso tradutor e outra pessoa que nos acompanhava. Dissemos-lhe que a laranja era dela, mas não nos permitiu recusá-la. Deveríamos comê-la com ela.

Então, compramos cinco quilos de laranja e demos a ela. No dia seguinte, o diretor do protejo da ADRA nos disse que ela compartilhara as laranjas com todas as pessoas que vieram para o refeitório da ADRA, de tal forma que cada um recebeu um pouco.

ANFITRIÃO: Como seria se você nunca tivesse provado uma laranja? Alguma vez vocês quiseram algo que não puderam ter? Como seria se alguém lhes desse algo que sempre desejaram? Em muitos países, quando alguém não pode comprar comida, tem de mendigar. Mas a ADRA leva pessoalmente alimento e água a essas pessoas, e também cobertores aos idosos da Moldávia para que não morram de frio no inverno. A ADRA também ajuda as pessoas a aprender a trabalhar em hortas, a melhorar seus métodos agrícolas e a construir silos. Isso permite que as pessoas cultivem em sua própria casa o que necessitam para se alimentar e também para vender o que lhes sobra. Quando vocês orarem, agradeçam a Jesus por ajudar a ADRA a cuidar das pessoas idosas na Moldávia e a prover alimentos em vários outros países. Pensem em como vocês podem ajudar os que passam por necessidades.





A series of horizontal lines for writing, spanning the width of the page. The lines are evenly spaced and extend from the left margin to the right margin. The page is framed by a decorative border consisting of a thick, dark, textured line at the top and bottom, with a small circular logo featuring a globe and a compass rose design centered on each line.



DIA NOVE

ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

Ásia / Mongólia

HISTÓRIA DA ADRA:

"Uma carta da Mongólia"

LANCHE:

Queijo e biscoitos

CONTINENTE / PAÍS

ÁSIA / MONGÓLIA

1. Ajude as crianças a encontrarem a Mongólia no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- A Mongólia é aproximadamente do mesmo tamanho do Alasca.
- A Mongólia é chamada de a “Terra do Céu Azul”, porque não há nuvens durante aproximadamente 257 dias do ano.
- Os cumprimentos casuais são Sain uu (Olá) ou Sonin yutai ve? (Qual é a novidade?).
- Coloque a palma da mão direita debaixo do queixo, e mova-a para frente e para trás indicando que está satisfeito.
- Evite cruzar as pernas, bocejar ou olhar nos olhos de uma pessoa mais velha.

HISTÓRIA DA ADRA

“UMA CARTA DA MONGÓLIA”

Querida ADRA,

Faz tanto tempo que não lhe escrevo! Estive muito ocupada preparando-me para a escola, tentando ver todos e fazer tudo antes de partir. Você me pediu para lhe contar um pouco de minha vida na Mongólia.

Vou começar do início...

“Por que temos de ir? Não quero ir para a Mongólia!”

Eu NÃO estava feliz! Meus pais haviam decidido que nos mudaríamos para o outro lado do mundo. Isso NÃO era bom! Eu tinha doze anos e não queria ficar longe de meus amigos e de meus familiares. A mudança foi a pior coisa que já me havia acontecido, mas também a melhor! Chegamos à Mongólia depois de uma longa viagem pela Califórnia, Havaí, Japão e Coreia. Assim que pegamos nossa bagagem (volumosa), saímos do aeroporto com outra família que havia se mudado um pouco antes de nós. Após o trajeto de aproximadamente quarenta e cinco minutos, chegamos à nossa casa, e nos contaram muitas coisas a respeito de nosso novo lar.

Fiquei surpresa ao ver que o lugar onde iríamos morar estava muito sujo. Desempacotamos apenas o que precisávamos para aquela noite. Estávamos muito cansados. Meu pai sentou-se na cama e suspirou: “Que maneira de começarmos nossa vida na Mongólia!”

Decorridas algumas semanas, já havíamos nos acostumado à rotina. Levantávamo-nos às 6h30, tomávamos banho e depois o desjejum. Meus pais saíam para trabalhar por volta das 8h30. Não tínhamos carro e assim usávamos o tróibus (não se pode confiar neles, pois com frequência se atrasam e temos de esperá-lo por muito tempo, ou durante o trajeto cai o cabo elétrico e alguém tem de ir conectá-lo novamente).

Às vezes, minha irmã e eu vamos ao escritório com nossos pais. Levamos nossos livros escolares e estudamos ali. Estudar em casa não é uma experiência nova para nós. Já havíamos feito isso durante dois anos enquanto morávamos em nosso país. Mas aqui era um pouco diferente. Acho que aprendi mais por viver aqui do que poderia ter aprendido dos livros.

Toda quarta-feira ficávamos em casa, e uma moça chamada Maa (19 anos) vinha para nos ensinar o idioma khalkha mongol. Depois, saíamos juntas para fazer compras. Maa conhecia cada canto da cidade e sabia exatamente onde encontrar o que precisávamos com o melhor preço. Ela nos levava pela cidade e nos ensinava como falar com os comerciantes.

Quando saíamos para comprar alimentos, não era como ir a um supermercado de nosso país. Aqui na Mongólia, vamos a um grande galpão com várias barracas onde cada pessoa dispõe de um metro quadrado para vender suas mercadorias (parece uma feira). Basicamente as barracas têm os mesmos produtos, mas, às vezes, encontrávamos alguém com preços melhores ou algo diferente. Íamos de barraca em barraca comprando o que necessitávamos. Depois, pegávamos o ônibus de volta para casa. Nosso apartamento ficava no quinto andar e tínhamos de subir pelas escadas.

O primeiro apartamento onde moramos pertencia a um hospital russo. Havia muitos russos, americanos, canadenses e coreanos morando ali. Fizemos amizade com algumas crianças de nossa idade, o que nos ajudou muito a passar o primeiro ano na Mongólia. Tempos depois, frequentamos o grupo interdenominacional de jovens. Havia cerca de trinta adolescentes entre onze e dezoito anos. Essa era uma boa forma de fazer novos amigos.

Depois do primeiro ano, mudamo-nos para o outro lado da cidade, para um apartamento melhor. Com isso, ficamos distantes de muitos amigos do antigo edifício, mas tivemos a oportunidade de conhecer mais mongóis. Gosto de ver os muitos projetos maravilhosos que a ADRA tem aqui. Meus favoritos dizem respeito à educação. A ADRA ajuda as crianças pobres a serem instruídas e voltarem às escolas. Isso não seria possível sem a ajuda da ADRA.

Quanto mais vivemos aqui, mais amo os mongóis. Depois de estarmos na Mongólia por dois anos, fomos de férias, por quatro meses, para o nosso país. Decorridos mais ou menos dois meses, todos estávamos prontos para voltar para casa!

Casa. Que palavra interessante. Muitas pessoas na Mongólia me perguntam quando estarei indo para casa. As pessoas no meu país me perguntam quando estarei voltando para casa. Eu lhes respondo que estou em casa. Como agora tenho mais idade, estou voltando ao meu país para frequentar o Ensino Médio. Quando nos mudamos para a Mongólia, eu chorei

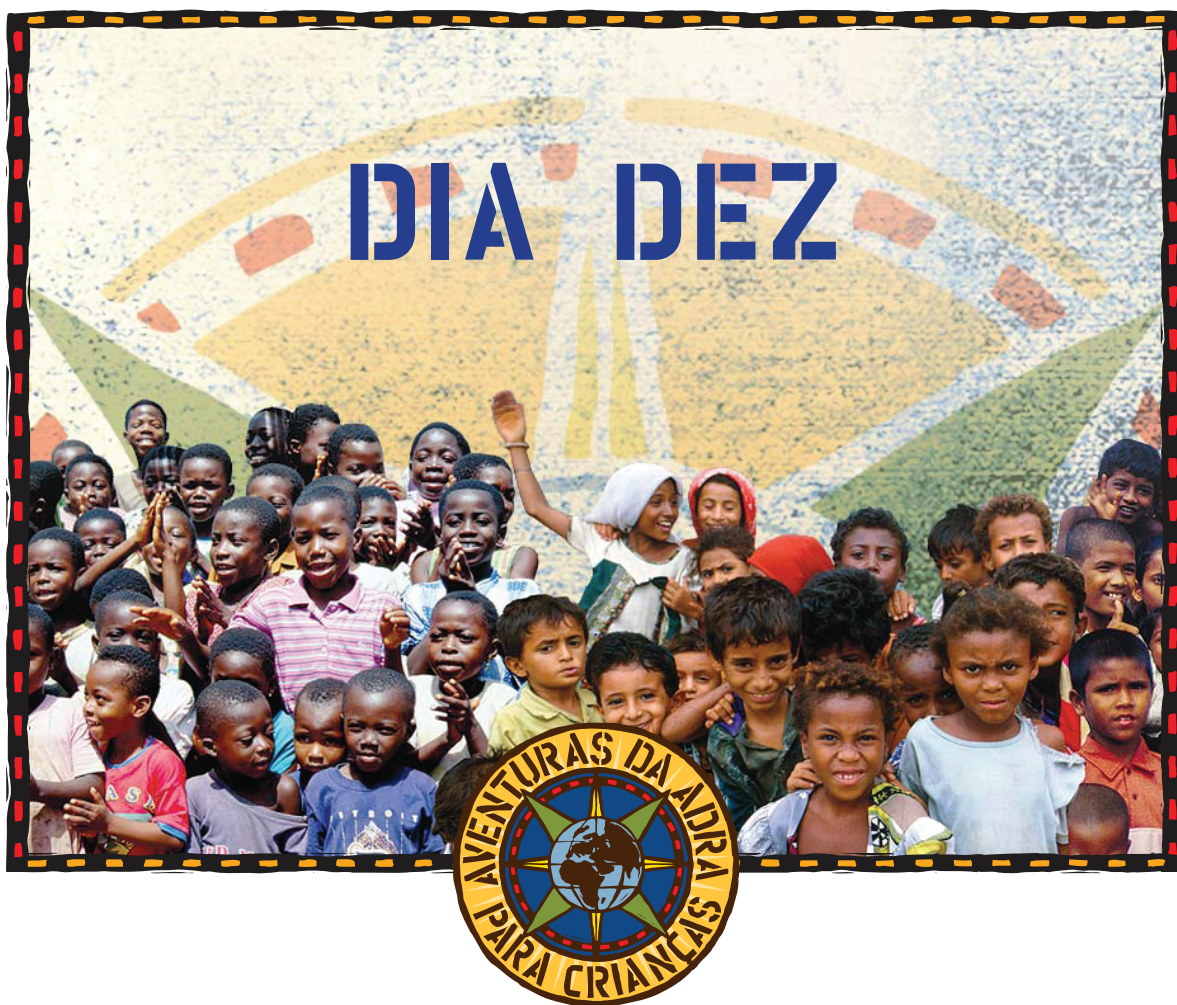
porque tinha de ir. Agora percebo que devo chorar por aqueles que não podem conhecer um país tão lindo e fascinante.

Sua amiga da Mongólia,

Jessica.

ANFITRIÃO: Como vocês se sentiriam se tivessem de deixar seu lar e se mudar para o outro lado do mundo? Vocês acreditam que poderiam aprender a gostar de outra cultura como ocorreu com a Jessica? Como seria sua vida se você não pudesse voltar à escola? E se não pudesse ler ou escrever? Lembremo-nos das crianças pobres na Mongólia que não podem frequentar uma escola.





ESBOÇO

CONTINENTE / PAÍS:

África / Moçambique

HISTÓRIA DA ADRA:

"O preço de aprender"

LANCHE:

Castanha de caju, bananas e bolinhos de arroz

CONTINENTE / PAÍS

ÁFRICA / MOÇAMBIQUE

1. Ajude as crianças a encontrarem Moçambique no mapa.

2. Bocadinhos culturais:

- Moçambique está localizado na África, e seu idioma oficial é o português.
- Um instrumento musical popular é a marimba (parecida com o berimbau).
- Uma das praias mais bonitas de Moçambique é a praia Tofu.
- Acredita-se que o nome “Moçambique” tenha derivado do nome de um famoso mercador do século XV, Jeque Mussal A’l Bik.

HISTÓRIA DA ADRA

“O PREÇO DE APRENDER”

Kelli chega cedo para ministrar a primeira aula sobre saúde e nutrição, patrocinada pela ADRA. Ela espera que venham muitos alunos. As pessoas em Maputo, capital de Moçambique, estão ávidas por aprender a ler e a escrever e por ter saúde.

Preparando-se para sua aula, Kelli esparrama lixo no chão, perto de sua mesa. Então coloca uma laranja, uma maçã e uma banana sobre a mesa. Em um banco de madeira, coloca cuidadosamente uma barra de sabão, um pente, um espelho, pasta e escova de dentes. Agora está pronta para a chegada dos alunos.

Quem são seus alunos? Não são crianças. Ela ensina mães com bebês, avós e pais. A ADRA tem lhes ensinado a ler e a escrever, mas nesta noite eles aprenderão algo mais. Enquanto os alunos chegam, cada um recebe um pedaço de papel numerado. Haverá um sorteio e o primeiro prêmio será um mosquiteiro.

O que Kelli ensinará aos seus alunos? Primeiro, ela lhes ensinará a respeito dos alimentos saudáveis. Depois dirá por que é importante dar às crianças alimentos saudáveis como frutas e verduras. Alimentar-se saudavelmente ajuda no crescimento e vigor do corpo. Isso também permite que a mente esteja mais bem preparada para estudar e aprender. Quando as crianças são fortes e saudáveis, elas têm maior resistência às enfermidades.

Kelli lhes diz que as laranjas contêm vitamina C, a qual ajuda a fortalecer os ossos, curar as feridas e manter as gengivas sãs. As maçãs ajudam a manter o coração e os pulmões saudáveis e funcionam como uma escova de dentes natural. As bananas contêm muito potássio. Não apenas ajudam o coração, mas também melhoram a pressão sanguínea e dão mais energia.

Depois dessas explicações, Kelli fala a respeito de como manter o corpo limpo. Quando o corpo é lavado com sabão e água, o risco de contrair doenças é menor. Ela lhes mostra como escovar os dentes. Também lhes ensina a se pentearem todos os dias, evitando assim que se instalem insetos no cabelo.

Mas o que Kelli fará com o lixo que espalhou no chão? Ela pega uma vassoura e começa a varrer o lixo, demonstrando como é fácil deixar o piso limpo. Por que devemos recolher o lixo? Para que os insetos e os roedores não se procriem nele.

Em seguida, Kelli lhes apresenta uma folha cheia de água e pergunta aos alunos se eles sabem por que isso é perigoso. Prontamente eles respondem: “Porque os mosquitos depositam seus ovos na água parada. Os mosquitos são transmissores da malária”.

A malária é uma doença que faz com que as pessoas se sintam muito mal e que geralmente ocorre nas zonas tropicais ou subtropicais. A malária é transmitida pela picada do mosquito anófele que, de forma geral, pica apenas entre o pôr do sol e o amanhecer. A pessoa que contrai malária sente muitas dores no corpo e na cabeça, tem febre alta, e o corpo treme devido aos calafrios. Em Moçambique, muitas pessoas contraem malária e não podem pagar pela consulta médica e pelos medicamentos. Tampouco podem faltar ao trabalho.

Como evitar contrair malária? Recolhendo o lixo, mantendo a água coberta, colocando telas nas janelas. Porém, a melhor forma é colocar um mosquiteiro sobre a cama. “Sempre durmam sob o mosquiteiro”, Kelli ensina. “É justamente por isso que o grande prêmio será um mosquiteiro!”

No final da aula, Kelli anuncia os números ganhadores. Os alunos revisam seus números. Três pessoas são contempladas, mas o prêmio maior naquela noite era para o próprio mosquiteiro porque pode salvar uma vida!

ANFITRIÃO: (Se possível, consiga um mosquiteiro ou prepare um e permita que as crianças fiquem sob ele). Quando ouvirem alguém falando em “salvar a vida de uma pessoa”, o que vocês pensarão? Alguma vez imaginaram que um mosquiteiro poderia salvar a vida de alguém? A ADRA distribui mosquiteiros em diferentes partes do mundo. Quando tratados com inseticida, esses mosquiteiros podem durar até cinco anos. Com eles, as pessoas podem viver protegidas da malária. O custo deles é muito baixo. Esse, sem dúvida, é um bom investimento!

NOTA: *É possível que seu grupo queira arrecadar fundos para ajudar a ADRA a distribuir mosquiteiros em diferentes partes do mundo. Essa é uma forma muito fácil de exercer grande impacto na vida de muitas pessoas. Além disso, quando as crianças virem um mosquiteiro, saberão por que estão arrecadando os fundos.*







A series of horizontal lines for writing, spanning the width of the page. The lines are evenly spaced and extend across the majority of the page area.







